



Enquanto Messi, Mbappé, Halland e outros protagonistas encantam, Neymar só quer voltar a jogar pela Seleção após 980 dias para iniciar a última jornada em Copas

Em contagem regressiva

VICTOR PARRINI
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — Lionel Messi regeu a Argentina com todos os cinco gols da equipe em dois jogos. Kylian Mbappé persegue o ex-companheiro de Paris Saint-Germain após marcar quatro dos seis da França até aqui. Jamal Musiala conduz a campanha invicta da Alemanha. Lamine Yamal desencantou pela Espanha. Jude Bellingham abastece Kane e também tira casquinha pela Inglaterra. Memphis Depay distribuiu assistência pela Holanda. Os principais camisas 10 da Copa do Mundo deram o ar da graça. Falta Neymar. Após 980 dias sem atuar pela Seleção Brasileira, o 10 canarinho deve ganhar os primeiros minutos no torneio, hoje, a partir das 19h, contra a Escócia, em Miami (EUA).

A reestreia, porém, tende a ser gradual. Carlo Ancelotti não pretende lançar Neymar entre os titulares em uma partida que vale a liderança do Grupo C e pode influenciar diretamente o caminho do Brasil nas fases de mata-mata. A Escócia mostrou contra Marrocos que sabe defender em bloco baixo, competir fisicamente e transformar cada disputa em uma batalha. Não parece o cenário ideal para um jogador fora de combate desde 17 de maio, quando o Santos foi derrotado por 3 x 0 pelo Coritiba, em São Paulo, e o craque se lesionou.

O contexto ajuda a explicar a cautela. Desde a chegada à Seleção, Ancelotti tem repetido que pretende administrar a carga física dos principais jogadores e evitar riscos desnecessários em uma temporada marcada por lesões. Neymar se encaixa perfeitamente nessa lógica. Mais do que ganhar um jogo de fase de grupos, o plano é ter o camisa 10 disponível para as partidas que realmente definirão o destino brasileiro na Copa do Mundo.

Por isso, a tendência é de uma entrada controlada no segundo tempo. Se o roteiro colaborar,

Rafael Ribeiro/CBF



Neymar pode ser uma das novidades de Ancelotti na decisão do Grupo C, contra a Escócia: atacante está há quase mil dias sem jogar pela Seleção

Neymar terá os primeiros minutos da quarta Copa da carreira sem a obrigação de resolver um duelo que está longe de ser fácil na caminhada pelo hexa. A missão inicial é mais simples: voltar a sentir o clima do torneio.

A versão atual de Neymar também difere daquela que o transformou no maior artilheiro da história da Seleção nas contas da Fifa, com 79 gols em 128 partidas. No Santos, deixou de atuar como o ponta de dribles em sequência e

arrancadas curtas para jogar mais próximo da área. Continua buscando o lado esquerdo do campo para participar da construção, mas passou a controlar mais o ritmo das ações. Os passes e lançamentos seguem precisos, talvez a principal herança preservada do auge técnico, enquanto o repertório se adapta a um corpo cada vez mais castigado pelas lesões.

A mudança ajuda a explicar por que esta Copa é diferente das anteriores. Em 2014, Neymar

desembarcou no Mundial como principal esperança do país e teve a trajetória interrompida pela lesão sofrida contra a Colômbia. Em 2018, voltou cercado de expectativa após a cirurgia no pé direito, mas não conseguiu conduzir a Seleção além das quartas de final. No Catar, em 2022, esteve novamente perto. Marcou na prorrogação contra a Croácia o gol que parecia colocar o Brasil na semifinal, mas viu a classificação escapar nos minutos finais antes da eliminação nos pênaltis.

Nas ausências do camisa 10, a Seleção aprendeu a viver sem ele. Vinicius Junior assumiu o protagonismo ofensivo, Raphinha ganhou espaço e uma nova geração amadureceu. O desafio de Carlo Ancelotti passa justamente por esse equilíbrio: reintegrar o jogador mais talentoso da geração sem desmontar uma estrutura que encontrou outros caminhos para competir. Talvez, por isso, Neymar inicie a Copa no banco. Pela primeira vez em um Mundial, ele não chega como unanimidade.

Dilema da ponta direita até o último minuto

Nova Jersey — A vaga aberta com a lesão de Raphinha virou o principal mistério da escalção brasileira para o duelo contra a Escócia. Carlo Ancelotti testou Luiz Henrique, Rayan e Endrick nos treinamentos realizados em Morristown, mas a disputa vai além da troca de um nome por outro. Cada candidato oferece uma versão diferente da Seleção.

Cria do Vasco e atacante do Bournemouth inglês, Rayan ganhou força nos últimos trabalhos justamente por apresentar características mais próximas das de Raphinha. O atacante busca a linha de fundo com frequência, acelera os ataques em campo aberto e ajuda a manter a amplitude. Inclusive, foi o substituto do lesionado camisa 11 no primeiro tempo do duelo contra o Haiti.

Luiz Henrique oferece intensidade na pressão e maior participação na construção das jogadas. Endrick representa uma alternativa mais radical. Quando utilizado, aproxima-se de Matheus Cunha e transforma o ataque em uma formação mais móvel e centralizada.

Seleção de problemas

Os testes refletem uma preocupação de Ancelotti com o perfil do adversário. A Escócia se defende com linhas compactas e exige paciência para encontrar espaços. Em um cenário assim, a capacidade de vencer duelos individuais e criar superioridade pelos lados pode pesar na decisão final.

O mistério também é consequência de uma sequência de

problemas que acompanha a Seleção desde antes da Copa. Ancelotti perdeu sucessivamente opções consideradas importantes para o lado direito. Militão sofreu lesão grave meses antes do início do torneio. Estêvão sequer entrou na lista definitiva de convocados. Wesley foi cortado na reta final da preparação. Vanderson também ficou pelo caminho. Agora, Raphinha se junta à lista de desfalques e obriga o treinador italiano a recorrer a soluções.

Até ontem, o treinador não havia confirmado aos jogadores quem entraria como titular. Certo mesmo é que Igor Thiago perdeu o espaço pela atuação contra Marrocos e, sobretudo, pela boa partida que fez Matheus Cunha contra o Haiti. **(VP)**



Rafael Ribeiro/CBF

Queridinho da torcida, Endrick foi testado no último treino da Seleção

Cunha tenta feito inédito desde Ronaldo em 2006

Nova Jersey — O muro é baixo, mas resiste há duas décadas. Nenhum camisa 9 da Seleção Brasileira marcou mais de três gols em uma mesma Copa do Mundo desde a despedida de Ronaldo. Autor de dois contra o Haiti, Matheus Cunha será titular contra a Escócia e terá a chance de reivindicar o posto de principal goleador da posição no período pós-Fenômeno. Os dois gols marcados na vitória por 3 x 0 sobre o Haiti colocaram Cunha em uma prateleira pouco mexida pelos centroavantes brasileiros em Copas do Mundo.

O Fenômeno foi o último a atingir a barreira dos três gols em uma Copa. Em 2006, marcou três vezes na Alemanha. Antes, havia anotado oito gols na campanha do pentacampeonato, em

2002 (no Japão e na Coreia do Sul), e quatro no vice-campeonato da França, em 1998.

Movimentação

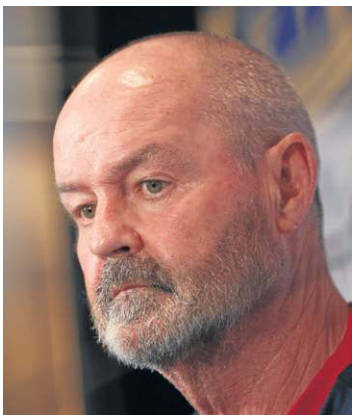
Na Rússia, Gabriel Jesus atravessou cinco partidas de jejum. O último a se aproximar da marca foi Richarlison. Autor de três gols no Catar, igualou-se a Luís Fabiano, mas não conseguiu estabelecer um novo parâmetro para a posição.

Cunha entra em campo diante da Escócia precisando de apenas mais um gol para alcançar a dupla, e de dois para se isolar na liderança do ranking pós-Ronaldo. A coincidência reserva um ingrediente histórico. O último camisa 9 brasileiro a marcar contra os escoceses

em Copas foi Muller. Na estreia do Mundial de 1990, na Itália, o atacante anotou o gol da vitória por 1 x 0.

Diferentemente dos centroavantes mais estáticos, Cunha se movimenta por todo o setor ofensivo. Recua para criar superioridade numérica no meio-campo, abre espaços para as infiltrações de Vinicius Junior e dos pontas e aparece na área para concluir as jogadas. Foi justamente essa combinação que chamou a atenção de Ancelotti ao longo do ciclo preparatório.

A mobilidade também ajuda a explicar a perda de espaço de Igor Thiago. Titular na estreia contra Marrocos, o centroavante oferece mais presença física dentro da área, mas não entrega a mesma capacidade de associação. **(VP)**



PATRICIA DE MELO MOREIRA/AF

Aveso a badalações, Steve Clarke foi auxiliar de Scolari no Chelsea

Escocês atuou com Felipão

MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Quando a Escócia entrar em campo contra o Brasil, às 19h, no Hard Rock Stadium, pela última rodada do Grupo C, o técnico Steve Clarke carregará uma conexão pouco conhecida com o futebol brasileiro. Antes de transformar a seleção escocesa em presença constante em grandes torneios, ele trabalhou ao lado de Luiz Felipe Scolari no período em que o brasileiro treinou o Chelsea, clube no qual o escocês atuou como auxiliar permanentemente por quase duas décadas. Clarke ajudou na adaptação de Felipão ao futebol inglês.

A convivência durou apenas sete meses. O Chelsea iniciou bem a temporada, mas perdeu rendimento e Scolari foi demitido, em fevereiro de 2009. Mesmo assim, Clarke sempre tratou aquele período como uma experiência enriquecedora. O escocês teve contato direto com um treinador conhecido pela capacidade de liderança, pela gestão de grupo e pela criação de ambientes de confiança entre os jogadores.

“Ele foi meu braço direito como auxiliar da casa. Depois quatro ou cinco meses, recebeu uma proposta de um grande time inglês para ser técnico e ele solicitou que lhe desse essa oportunidade. Assim o fiz. Ele é uma pessoa maravilhosa, tinha pleno conhecimento de todos os times que enfrentávamos. Conhece profundamente métodos de treinamento, e sempre torcermos muito para ele ser o que é hoje, um técnico de seleção”, disse Scolari ao **Correio**.

A trajetória de Steve Clarke é singular. Ele construiu a carreira observando alguns dos maiores técnicos da era moderna. Como jogador, foi comandado por Alex Ferguson no Aberdeen, onde conquistou títulos nacionais antes de se transferir para o Chelsea. Com os Blues, conviveu com nomes como José Mourinho, Guus Hiddink, além de Scolari. Poucos técnicos da Copa de 2026 tiveram acesso tão próximo a escolas tão distintas de futebol. Após a saída de Felipão, Clarke permaneceu no Chelsea sob o comando de Ancelotti, de 2009 a 2011, na conquista da Premier League e da Copa da Inglaterra.

Aos 62 anos, Steve Clarke está longe do estereótipo do treinador midiático. Discreto, pragmático e avesso aos holofotes, construiu a reputação de estrategista metuculo. A marca registrada é a organização defensiva. A Escócia costuma atuar com linhas compactas, intensidade sem a bola e transições rápidas. Não por acaso, Clarke é, frequentemente, descrito na imprensa britânica como um técnico capaz de potencializar elencos sem estrelas globais.

Foi ele quem encerrou um jejum de quase duas décadas da Escócia, classificando o país para a Eurocopa de 2020, primeira participação em um grande torneio desde a Copa do Mundo de 1998. Depois, conduziu a equipe à Euro 2024 e à Copa de 2026. Em sua nona participação em uma Copa do Mundo, a Escócia nunca passou da fase de grupos. Classificar o time para um mata-mata histórico é a missão de Clarke nesta noite.



Missão de Marrocos é golear o Haiti

No mesmo horário do jogo do Brasil, Marrocos entra em campo, em Atlanta (EUA), com a tarefa de vencer o eliminado Haiti pelo placar mais elástico possível, superar o Brasil no saldo de gols e ficar com o primeiro lugar do Grupo C. O técnico Mohamed Ouahbi não fala em goleada, mas sabe que vai precisar dos craques do time, como o lateral Hakimi e o meia Ayyoub Bouaddi **(foto)**, 18 anos, joia do futebol marroquino.

MAURO PIMENTEL